INTERDITOS: PROCESSO CRIATIVO EM AUTORRETRATO FEMININO

Karla Rossana Francelino Ribeiro NORONHA[1]

Instituto Federal de Educação da Paraíba – IFPB.

RESUMO: este trabalho tem o objetivo de apresentar a construção de um projeto de autorretrato feminino. Considera-se que estudar o processo criativo de um projeto fotográfico é importante para compreender a dimensão da poética visual da proposta a partir da demonstração de cada etapa da produção do projeto: geração da ideia, pesquisa teórica, experimentação, curadoria, edição e escrita do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: autorretrato, processo criativo, feminino.

1 INTRODUÇÃO: FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE CRIAÇÃO

Cotton (1993), afirma que o processo artístico da fotografia contemporânea começa com uma ideia criativa que se desdobra em um planejamento técnico gerando uma criação artística ou um ato artístico que "consiste em direcionar para a câmera um evento especialmente para a câmera. " (COTTON, 1993, p. 21).

Aqui vale pensar em como a arte pode ser um suporte de estudo e criação para a fotografia produzida na atualidade. A fotografia como arte, abre as portas para uma experimentação infinita de elementos de composição visual e material ao utilizar técnicas padrão para alcançar resultados diferentes. Impressão, expressão, significado e sentimento são elementos chave para que o processo de criação na fotografia artística possa ser realizado.

Percebe-se então que a fotografia tem sido utilizada como ferramenta para criar uma multiplicidade de valores simbólicos e temporalidades que não se vinculam ao tempo cronológico dos acontecimentos. Assim, a fotografia se torna uma expressão do olhar do fotógrafo artista e do artista fotógrafo que utiliza da

---

[1] Mestre em Comunicação pela UFPB. Fotógrafa, artista e professora. Estudante de design gráfico pelo IFPB. E-mail: karlanoronhafotografia@gmail.com; noronhakr18@gmail.com. Instagram: @karlanoronhafotografia

expansão da sua consciência afetiva e visível para criar uma dimensão simbólica e subjetiva das imagens que produz capaz de expor o invisível, o mundo sensível em que constrói um efeito poético por meio de um processo criativo que não se limita a uma técnica especifica, mas uma fusão criativa entre diferentes mídias e tecnologias.

Neste contexto, esse trabalho vem apresentar o processo de produção de um projeto de autorretrato mostrando desde a concepção da ideia até a pós-produção utilizando uma metodologia de desenvolvimento de projetos autorais para fotografia. Justifica-se pela compreensão de que é necessário documentar a produção de projetos autorais a fim de que outros profissionais e pesquisadores possam se apropriar desse conhecimento para terem referências a serem usadas em seus próprios projetos e trabalhos.

2 O EU COMO CENTRO DE CRIAÇÃO/REPRESENTAÇÃO DO UNIVERSO FEMININO

As constantes mudanças no que tange a identidade do ser feminino abre caminho para diálogos e questionamentos sobre essa representação no seio da sociedade bem como por parte das próprias mulheres. A arte e a fotografia tem sido um espaço para expor acontecimentos e consequências sobre as vivências femininas em que podemos analisar e questionar a própria interioridade através de comportamentos, sentimentos e (des) afetos cotidianos.

A fotografia é a ferramenta escolhida para dialogar e aprofundar a percepção sobre a consciência de si produzindo imagens de autorretrato que buscam representar a si por meio da criação de um discurso visual autorreferencial que permita refletir sobre a educação do ser feminino por meio da relação entre imagem real e simbólica.

Para isso, faz-se a compreensão sobre o que é autorretrato. Lilian Barbon afirma que quando o fotógrafo registra a si próprio realiza uma autobiografia visual mesmo que a fotografia seja encenada.

> Entende-se por autorretrato, um retrato do sujeito feito por ele mesmo: o objeto é o próprio fotógrafo, e o fotógrafo é o próprio objeto. Constitui-se de um discurso feito em primeira pessoa, de uma autobiografia visual – é uma encenação por ele mesmo (BARBON, 2012, p.162).

O autorretrato pode ser considerado um espelho do artista. Nesse espelho consegue não apena a sua imagem, mas também a imagem do seu mundo, pois tem a necessidade de registrar seus valores e sua identidade dentro da temporalidade em que vive.A imagem fotográfica pode, assim, se apresentar de forma semelhante ao real, ser construída por meio da utilização de materiais já prontos ou ainda utilizar da performance para gerar os códigos e signos necessários para a interpretação do leitor.

Assim, percebemos a construção do discurso autorreferencial na fotografia de autorretrato permite criar imagens que abarcam uma hibridização de linguagens tradicionais e artísticas para falar não apenas o 'eu', mas também estabelecer uma reinvenção da própria identidade mesclando o corpo com outros objetos, com a escrita e o vídeo. Vários 'eu possíveis' podem ser produzidos a partir do ponto de vista do artista quanto do leitor/espectador.

Tem-se em mente que esse processo de experimentação gera uma série de documentos e produtos visuais e escritos que precisam ser analisados para que se possa ter elementos para delinear e comprovar a poética aplicada no projeto. Uma das fontes pesquisadas para o desenvolvimento dessa proposta é Cecília Salles (2008). Ela afirma que estudar o processo criativo é necessário para compreender uma obra e que muitas vezes o fazer artístico nos fala mais sobre o significado da criação que vemos do que a obra por si só.

> O percurso da criação mostra-se como um emaranhado de ações que, em um olhar ao longo do tempo, deixam transparecer repetições significativas. É a partir dessas recorrências que se pôde estabelecer generalizações sobre o fazer criativo, a caminho de uma teorização (SALLES, 2017, p. 44-45).

O processo de criação artística é uma rede complexa que envolve várias ações simultâneas de ir e vir, de forma não linear tendo como principais características a flexibilidade e a mobilidade. Salles (2006, p. 264) afirma que "o estado de dinamicidade organiza -se na confluência de tendências e acaso, tendências essas que direcionam, de algum modo, as ações, nesse universo de vagueza e imprecisão. "

3 INTERDITOS: PROCESSO DE CRIAÇÃO EM AUTORRETRATO FEMININO

3.1 Pesquisa Teórica

Este projeto teve início durante a participação no curso de Fotografia Artística realizado pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) nos anos 2017 e 2018. No segundo módulo do curso houveram atividades praticadas que estimularam a pensar e fazer fotografia por um caminho mais experimental e artístico nos convidando a aplicar uma interação com diversos materiais de produção e suporte de impressão.

Após a finalização do curso percebeu-se a necessidade de dar continuidade ao desenvolvimento do curso de forma planejada para que a proposta ganhasse força para ocupar os mais variados espaços. Para isso teve que estudar sobre desenvolvimento de projetos e buscou uma mentoria online com uma artista e fotógrafa (Danny Bittencourt) para que pudesse compreender sobre cada etapa de criação num projeto autoral de fotografia.

A partir dessa mentoria conseguiu realinhar a ideia do projeto bem como realizar pesquisas para estabelecer referências em autorretrato feminino e técnicas para a execução do projeto. As principais referências escolhidas para este projeto são Danny Bittencourt[2], Polina Washington[3], Fiona Larkins[4], Deborah Sheedy[5], Anna O Photography[6]. A escolha dessas referências se dá pelo estilo de fotografar (enquadramentos mais fechados, múltipla exposição, desfoque, forte contraste entre luz e sombra, materiais complementares: bandagem, flores, roupas, etc) e pela narrativa que elas conseguem construir para expor sobre o universo feminino.

O projeto foi realizado em etapas seguindo a proposta de processo criativo proposto por Mike Simmons (2015). Essa proposta começa por uma pesquisa que considera a reflexão como uma ação constante em todas as etapas da proposta.

---

[2] https://dannybittencourt.com/
[3] https://www.instagram.com/polina.washington/
[4] https://www.fionalouisefineart.com/
[5] https://www.deborahsheedy.com/
[6] https://worbz.com/anna-o/

3.2 Idealização e conceituação

O projeto tem como objetivo chamar a atenção acerca dos traumas adquiridos durante a infância, que reverberam na formação da personalidade adulta e, por conseguinte, nas nossas formas de ser e estar no mundo. A autora parte da própria experiência de vida, através de um mergulho dentro de si, num processo de autoconhecimento que envolve a fotografia. Dessa forma, ao perceber que muitas de suas atitudes, ideias e pensamentos têm relação direta com as vivências de uma infância permeada por limites, nos quais a maioria das respostas que recebia era um "Não"; a autora exterioriza essas emoções por meio da linguagem fotográfica.

A autora detectou, através dos seus estudos envolvendo o autoconhecimento, a condição de censura sociocultural na qual o seu corpo feminino é submetido desde a infância, como forte influenciadora em sua atuação no mundo. Passou a notar uma ausência da própria essência, um déficit em afirmar-se enquanto ser humano, projetada no mundo com uma forma que não era sua, mas uma criação a partir de regras impostas, dentre elas a mais marcante: o 'não'. Negativas pré-determinastes em seu comportamento e personalidade, e suas maneiras de interação com as outras pessoas. Percebeu-se assim como um objeto, um protótipo formatado pelas ações e orientações de outras pessoas. Jean Paul Satre, em *O Existencialismo é um Humanismo*, afirma que "a realidade não existe a não ser pela ação; aliás, vai mais longe ainda, acrescentando: o homem nada mais é do que o seu projeto, só existe na medida em que si realiza, não é nada além do conjunto dos seus atos, nada mais que sua vida" (SATRE, 1970, p. 11).

Logo, veio a necessidade de redefinir sua face subjetiva para poder escolher livremente sua existência. Decidiu através do estudo da fotografia identificar a origem da própria insegurança, medo e ansiedade utilizando seu próprio corpo para apresentar o estado de consciência em que se encontrava quando passou a expulsar de si, por meio da arte, o medo, a insegurança e a ansiedade até então uma tríade constante em sua vida.

Por isso, a ideia é exteriorizar as consequências da censura na formação da personalidade, e como estas repressões afetaram o seu comportamento

enquanto ser humano, influenciando suas relações pessoais e profissionais. Por identificar na censura imposta nos processos educativos teve a capacidade de dificultar suas relações sociais, a autora que desenvolveu este ensaio como forma de alerta para que outras crianças não sofram a mesma censura ou que na fase adulta saibam lidar com os medos e a insegurança, herdados em processos instrutivos no âmbito familiar. Outrossim, está na contribuição para a reflexão sobre a educação feminina que vem sendo aplicada durante séculos, restringindo nossos pensamentos, ações, modos de vestir e falar provocando uma autocensura na vida adulta e impedindo as mulheres de serem mais presentes e atuantes no mundo moderno, seja na vida profissional, acadêmica, nas suas relações afetivas, etc.

3.3 Experimentação: produção das fotos

Produzir essas fotos foi um desafio. Foram realizadas cinco sessões de autorretrato para que se pudesse alcançar o resultado esperado. O processo criativo teve algumas definições em relação a estética. A primeira definição foi escolher enquadramentos fechados que dessem ênfase ao rosto e a cabeça já que esse projeto trata de questões psicológicas e sentimentais. Depois definiu-se os elementos materiais que seriam utilizados para simbolizar o silenciamento, a sensação de sufoco e confusão (bandagem vermelha) e a personalidade construída socialmente que nos obriga a esconder afetos, pensamentos e opiniões (máscara artesanal).

No contexto geral, as fotos dialogam entre si por meio da expressão corporal, enquadramentos fechados, tons amarelados nas quais há a predominância elementos na cor vermelha a exemplo de bandagem, máscara artesanais e a escrita da palavra ‘não’, em algumas fotos, para dar ênfase à temática supracitada. As fotos apresentam um trajeto psicológico e emocional, no qual a autora se encontrava anteriormente, passando por um processo de enfrentamento e reconstrução do seu lado afetivo e comportamental.

Outro ponto importante foi escolher a iluminação que daria força as imagens. As primeiras sessões de fotos foram produzidas com luz artificial

depois fez-se experimento com luz natural de janela. Isso foi importante porque ajudou a construir uma continuidade na narrativa visual. A cor vermelha foi escolhida com elemento visual para criar uma costura visual entre as fotografias. Além disso, pensou-se também sobre o significado do vermelho: é uma cor que pode gerar vários efeitos psicológicos no leitor (amor, dor, morte, perda, medo, frustação, etc) e para esta proposta traz uma força visual maior quando conectada com os outros elementos da imagem para simbolizar a tensão do conflito psicológico.

As primeiras sessões de fotos tiveram como objetivo criar uma representação simbólica da censura vivenciada na infância e que tem a seguinte palavra como norteadora: 'não'. Por isso, optou-se pela utilização da técnica da fotografia híbrida em que se utilizou a escrita sobre a imagem em duas fotos para materializar o peso da censura na educação feminina. A luz artificial dura e direta ajudou a dar o contraste necessário para esse primeiro momento das imagens que era apresentar a fase de percepção do conflito interno sobre o próprio eu que foi redescoberto num trabalho de autoconhecimento praticado pela autora. A performance corporal também se fez presente nas sessões de foto, porém não se fez uso de objetos já que o corpo e a expressão facial foram os norteadores do processo.

A bandagem vermelha se fez predominante em três imagens para enfatizar a tensão psicológica, social e afetiva identificada utilizando uma luz artificial direta e frontal. Vale ressaltar que em todas as fotos o enquadramento é um plano fechado tendo como ponto principal a cabeça, onde se concentram todos os conflitos, e os ombros, que sustentam a tensão. Para a última sessão de fotos utilizou-se da luz natural de janela e de uma máscara artesanal feita pela autora para representar a duplicidade de personalidade: social e interna. Nestas imagens também persiste o conflito sobre a própria existência.

Link de acesso as fotos: https://drive.google.com/file/d/1oVfsbqlmLIkJ3oHvQtAXgj8UBKOW0enH/view?usp=sharing

A figura seis traz um significado de prisão e sufoco causados pelo sentimento de insegurança, medo e ansiedade. Fez-se uma performance

utilizando a máscara no rosto e os braços e mãos interagindo com a peça para criar a relação de tensão entre o 'eu interno' e o 'eu externo' por meio de uma sequência de imagens quatro imagens: A imagem 7 representam esteticamente o silêncio da fala, do corpo e do pensamento existentes como consequência das frases negativas e censuras vivenciadas.

A figura 8 também traz um significado de sentir-se perdida no tempo e espaço por conta do peso que carrega pelos inúmeros "nãos" impostos socialmente. A técnica de múltipla exposição foi utilizada para representar a sensação de desconectada, sem referência sobre si mesma e sobre o mundo. Por isso, ela terá um destaque na exposição pela representação simbólica que possui em relação ao conceito inicial do projeto que são as consequências das imposições, pressões sociais e censuras visualmente apresentadas pelas técnicas e elementos utilizados para a construção estética da imagem.

A figura 9 apresenta a solidão causada pelo recolhimento interno como forma de proteção pessoal em relação as cobranças externas. Aqui a máscara entra como elemento de representação simbólica de um comportamento aparente criado pela autora para conseguir sobreviver as pressões externas.

A figura 10 constitui uma representação do momento em a autora toma consciência do seu estado psicológico e emocional, das consequências que tem vivido em decorrência das negativas que enfrentou na vida percebendo que seu exterior é revestido por uma capa, uma máscara que camufla sua existência. Além disso, simboliza um momento de transição que a artista busca caminhos para se libertar das imposições sociais e suas consequências no campo psicológico e emocional.

3.4 Pós-produção

A escolha das imagens foi baseada tanto em critérios técnicos quanto subjetivos. Identidade, corpo e gênero são três elementos importantes nesse projeto. Por isso, a seleção das imagens e a pós-produção tem essas palavras-chaves como referência do processo de construção da leitura visual da proposta. A cor vermelha, a escrita sobre as imagens e os materiais utilizados funcionam como códigos de leitura do contexto das imagens criando um conjunto de

significados possíveis. O maior desafio foi pensar em quais elementos ou materiais seriam o elo de ligação da narrativa das imagens, pois as fotografias apresentam diferenças de iluminação e cor. Ao realizar a escrita sobre as duas primeiras imagens percebeu-se de imediato que a cor vermelha do pincel utilizado estava bastante marcante trazendo logo a mente que usar da cor como um código visual poderia ser a chave de conexão entre todas as imagens.

Logo, buscou-se realização uma edição que trouxesse o máximo de equilíbrio na iluminação de todas as todas. A foto em que a bandagem cobre toda a cabeça apresenta por si só sua força não necessitando de filtros ou efeitos especiais. Porém, nas imagens em que não se faz uso de objetos com ou sem a cor vermelha foi fundamental aplicar um filtro com a referida cor numa tonalidade mais escura para que houvesse uma linearidade da identidade do projeto.

Por isso, nas imagens que não continham objetos na cor em questão foi adicionado um filtro de cor vermelha que trouxe para o conjunto de imagens escolhidas a representação simbólica da tensão e do conflito. A performance das mãos sempre em direção a cabeça foi necessária para direcionar o olhar do leitor e reforçar a ideia central do projeto que é refletir sobre as consequências da censura na educação da autora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trajeto apresentado até aqui nos leva a perceber que o projeto ganhou uma fundamentação sobre a pesquisa teórica, o processo de experimentação passou a ser desenvolvido a partir de um estudo e planejamento prévio sobre o que é de fato necessário para que se alcance o objetivo dessa proposta, exteriorizar as consequências da censura na educação feminina. Além disso, a fase de curadoria e pós-produção das imagens passou a ser feita com base em referências teórico-práticas. Tem-se buscado estabelecer parâmetros técnicos para que se tenha uma linearidade sobre a narrativa da série Interditos.

Mas, há um outro fator bastante importante do ponto de vista da autora: a observação e análise dos erros cometidos durante a execução do projeto. Isso significa que apesar de estar havendo um planejamento de produção, este não

exclui os possíveis erros que acontecerem ao longo do que foi produzido até aqui. Algumas fotos escolhidas para compor a série são frutos de erros técnicos que surgiram na fase de produção das imagens.

A princípio, as imagens haviam sido descartadas. Porém, durante a escolha das imagens várias séries foram criadas para que se pudesse perceber quais seriam as melhores fotografias para compor o projeto. Logo, ficou claro que um projeto autoral deve ter abertura para os imprevistos que surgem ao longo do processo de criação mesmo que o artista possua um planejamento bem elaborado, pois os erros cometidos trazem não apenas experiência, mas também podem oferecer um resultado melhor do que o que era esperado na proposta inicial.

Por fim, é necessário deixar claro que o projeto continua em construção e que outras etapas serão desenvolvidas a partir da nova percepção de si que a autora adquiriu a partir desse projeto e de novas reflexões pessoais sobre a própria identidade. Em 2020, o projeto ganhou outra camada: uma produção audiovisual contemplada no edital Respirarte de Artes Visuais da Funarte que está disponível no instagram da autora.

REFERÊNCIAS

BARBON, Lilian. **O autorretrato fotográfico na arte contemporânea brasileira.** 2012. 195 páginas. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Centro de Artes. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOX, Anna. **Por trás da imagem:** pesquisa e prática em fotografia. São Paulo: Guustavo Gill, 2013.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética**: Fundamento dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paulo: Educ, Editora da PUC de São Paulo, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. Da Crítica Genética à Crítica de Processo:uma linha de pesquisa em expansão. **Estud. Ling.,** Londrina, n. 20/2, p. 41-52, ago. 2017. DOI: 10.5433/2237-4876.2017v20n2p41

SATRE, Jean P. **O existencialismo é o humanismo.** Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

SIMMONS, Mike. **Como criar uma fotografia**. São Paulo: Gustavo Gill, 2015.